

PASSA E FICA - RN: SUA HISTÓRIA E SEU POVO

Mário Balbino Cavalcante

Graduado em História

Márcio Balbino Cavalcante

Graduado em Geografia – UEPB

balbinohistoria@bol.com.br

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Palavras-chaves: Memória, História e cidade.

INTRODUÇÃO

As raízes históricas de um povo encontram-se atrelada no contexto sócio-político e cultural de determinada época. Nesse sentido, a memória histórica do município de Passa e Fica - RN apresenta-se neste trabalho de cunho científico, onde buscou-se resgatar a história dessa cidade localizada na região Agreste do Rio Grande do Norte, desde o início do seu povoamento em 1929 até os dias atuais. Tendo como instrumentos de pesquisa a coleta de dados através da oralidade, buscando conhecer a história dos passifiquenses protagonistas do contexto vivenciados pelo povoado; análise de jornais, fontes documentais, acervo iconográfico, referências bibliográficas e fotografias. Os dados foram catalogados buscando conhecer a história dos passifiquenses através da ordem cronológica, e de condições de fontes orais e documentais, para termos através da memória, a história do município. Assim a pesquisa relata o resgate da memória do povo passifiquense a partir da modificação que ocorreu no cenário urbano do município.

Entendendo que a história deve considerar, ou seja, levar em consideração o local, sem perder suas especificidades, uma vez que partindo do micro podemos compreender o macro damos sentido aos sujeitos no espaço e no tempo.

A partir desta realidade passamos a discutir o passado, por isso, utilizamos à história oral, mesmo cientes das raras oposições que ainda sucinta em alguns setores acadêmicos, por dois motivos: primeiro pela escassez de fontes escritas e segundo por acreditar no testemunho daqueles que viveram e recriam, através da memória os acontecimentos do passado, ou seja, uma forma singular do povo contar a sua história a partir do seu olhar e pelo seu ângulo.

Sendo assim, este trabalho discute a cidade como Espaço da Memória, Memória: a relação entre o historiador e a História Oral, a Emancipação Política de Passa e Fica, e suscita alguns questionamentos como se desenvolveu este processo e, sobretudo, a quem beneficiou em termos de independência política. Levantamos também um breve histórico sobre os primórdios de sua povoação e fazemos um panorama político, econômico e social.

A perspectiva historiográfica que serviu de fundamentação teórico-metodológica foi o materialismo histórico e dialético, ou seja, o marxismo, visto que valoriza a análise do modo de produção e das relações de classes sociais. Visto desta forma a “história seria feita por estímulo a estudos de processos econômicos e sociais a longo prazo, incluindo uma análise das conseqüências sociais das transformações tecnológicas e econômicas. O interesse pela pesquisa sobre classes sociais e o papel dos movimentos de massa na história”.

Dentro desta concepção teórica, os agentes sociais são vistos como agentes modificadores da sociedade em que estão inseridos, do grupo ao qual é membro e dos acontecimentos sociais que vivenciaram ou vivenciam.

Portanto, este trabalho foi produzido com o intuito de evidenciar a história do município de Passa e Fica, ou seja, sua memória e a de seus respectivos sujeitos históricos, como forma de desmistificar e desvendá-la enquanto expressão de práticas sociais, guardadas e lembradas, como as quais são comuns aos sujeitos históricos no espaço e no tempo.

A Cidade como Espaço da Memória

A cidade, enquanto realização humana é um fazer intenso e ininterrupto. O mundo se cria e se recria a partir das relações que o homem mantém com o lugar que ocupa e da maneira como ele se constrói enquanto indivíduo. Assim podemos dizer que, a cidade é o espaço da memória, nela o ser humano deixa suas impressões e marcas, por isso, é um mundo fascinante, sobretudo urbano.

Nesse processo, o homem não só constrói o mundo, mas também um modo de entendê-lo e explicitá-lo enquanto possibilidade aberta de transformação. Ao longo do processo de desenvolvimento da sociedade, o processo que ele amplia constantemente possibilita compreender o passado, e dar-lhes novos significados.

O espaço-tempo da memória da cidade resulta da relação social e se materializa formalmente em algo passível de ser apreendido, entendido e aprofundado, está na perspectiva do homem e do espaço, enquanto dimensão real. Sobre ele cabe intuir e pensar acerca dos elementos visíveis, representação de relações sociais reais, e inferir que a sociedade é capaz de criar diversos espaços em cada momento do seu processo de desenvolvimento. Essa forma apresenta-se como histórica, especificamente determinada, pela memória. A sociedade passa a ser produzida em função de objetivos e necessidades impostas num dado momento histórico, e se produz no embate entre o capital e a sociedade; o espaço se produz com lutas.

Os indivíduos se identificam enquanto integrantes de classes e camadas sociais diferenciadas, ao viverem sua própria história, logo, as classes não existem independentemente das relações e lutas desencadeadas num determinado tempo e espaço ao longo da história.

As relações com o lugar são determinadas no cotidiano, para além do essencial. O espaço é o lugar de encontro do homem com a história e a memória. Existe um resgate necessário da cidade, para além de suas formas.

Enquanto unidade do diverso, o contraste entre lugar de encontro e lugar de lutas, realiza-se no cotidiano das pessoas e aparece como forma de ocupação e/ou utilização de determinado lugar que cabe intuir na memória da população como fato daquele momento histórico. A cidade, em cada etapa do processo histórico, assume formas, características e funções distintas, as quais estão enraizadas na sociedade, e são resultantes da relação homem-sociedade e história-memória.

Memória: a relação entre o historiador e a história oral

Todo ser humano tem consciência do passado e pode reconstruí-lo; definido como o período mediatamente anterior aos eventos registrados na memória de um indivíduo, ele permite ao historiador trabalhar a relação entre história e memória.

Nessa perspectiva, o passado e o presente estão interligados com o objetivo de se construir um novo saber histórico da memória coletiva, o que significa fazer uma releitura do passado, através de novos objetos, novas fontes historiográficas e, enfim, numa nova abordagem de estudo da Ciência Histórica.

O passado é uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. Pois o passado é essencialmente para o presente. Em toda sociedade, a abrangência desse passado social formalizado depende, naturalmente das circunstâncias. Assim o presente deva reproduzir a memória dos acontecimentos do passado.

A ação histórica torna-se de forma eloqüente quando a reciprocidade relaciona presente e passado, e quando o historiador é parte integrante do presente e os fatos (eventos) históricos são pertencentes ao passado reconstruído no momento do tempo presente. Pois, o historiador e os fatos históricos exigem uma precisão e importância de um sobre o outro. A relação do homem com seu meio é a relação do historiador com seu tema. O historiador não é um escravo humilde nem um senhor tirânico de seus fatos, ou seja, eventos históricos.

A relação de dependência entre o historiador e seus fatos é de igualdade e ocorre de modo recíproco. Qualquer historiador ativo e consciente sabe, que enquanto pensa e escreve os acontecimentos presentes sob a luz do passado, dar vida e resgata a importância destes. Logo, entra num processo contínuo, pois transforma e amplia os fatos, segundo sua interpretação e vice-versa.

Nesse caso, a ciência histórica é uma disciplina, definida também como arte do saber disciplinar, visto reconstrói, o objeto principal ao estudar o passado, também a noção absoluta dos estudos históricos, cuja finalidade seria a reconstrução do passado por si mesma na ótica da oralidade. A reflexão geral sobre o passado, a reflexão histórica no melhor sentido do termo, não pode ser coerente e fecunda se não estiver fundamentada numa análise coerente do presente.

Logo, o que distingue o historiador dos outros cientistas sociais é sua preocupação primordial e de grande preocupação com o tempo, com a duração, com a mudança, com as transformações e as permanências ou sobrevivências e, enfim, com sua realidade de mundo, sua vida, seus familiares, seu tempo, seu país, sua história e com a sociedade da qual faz parte.

O historiador é um ser humano individual, social, político e coletivo, porque age e vive com outros indivíduos, ele também é um tão fenômeno social, tanto o produto como o produtor da história e o porta-voz das ações sociais do espaço que ocupa, é nesta situação que ele elabora os fatos do passado histórico visando sua maneira de construir seu trabalho de cunho histórico.

O passado é inteligível para nós somente à luz do presente; só podemos compreender completamente o presente à luz do passado. Capacitar o homem a entender a sociedade do passado e aumentar o seu domínio sobre a sociedade do presente é a dupla função da história.

O processo contínuo de reciprocidade de relação entre o historiador e seus eventos, e o contato direto entre presente e passado, é um diálogo não entre indivíduos abstratos e isolados do ato histórico, mas entre a sociedade do presente e a sociedade do passado, nela o historiador é agente da História e pode interferir na vida social e transformar as desigualdades sociais existentes.

Os homens são seres históricos e os fatos (eventos históricos) produzidos por eles, ou seja, suas ações no contexto de um tempo e de uma sociedade.

O historiador tem e deve ter o compromisso direto com a sociedade na qual vive e age. O seu papel é o de pôr as suas capacidades profissionais a serviço das tarefas sociais que se impõem à coletividade da qual é parte.

A História Oral tem sido a via pela qual, o historiador ou outro pesquisador de outra ciência, pode utilizar como o caminho para redigir seu trabalho e ampliá-lo. Ela nos fornece excepcional importância à memória na pesquisa histórica, sem desviar informações aos demais desafios próprios de análise de como se fazer história.

A história oral é parte da realidade, trabalha com idéias em relação a lugar e tempo transmitidos através da memória e, produz elaborações da história local. A oposição entre memória e história não chega a ser real. O que existe são atribuições diferentes, mas complementares entre cada uma delas, visto que a necessidade de construção de identidades as aproxima, se tornando facilitadora da relação.

O trabalho com a memória e a história, permite ao historiador adequar-se à metodologia da produção histórica, nem por isso devemos considerá-la inferior, pois a sua forma de transmitir

informação é por demais significativas, uma vez que, além da informação transmitida, a participação do entrevistado torna a atividade histórica plural e dialógica, pois aperfeiçoa os horizontes da pesquisa histórica. Igualmente, em todo tipo de pesquisa os limites ou as fronteiras da história oral são rompidos, isto é, são carregados direta ou indiretamente de importância, a memória e a história, especialmente quando inter-relacionadas, constituem-se fundamento, um substrato identificador do tecido social.

A informação decorre da memória, uma vez que cada entrevistado tem uma percepção diferenciada no relato de uma experiência vivida ao transmitir as informações.

Nesse sentido, fica explícita a real dimensão da história oral que evoca o passado no presente, que a coloca além da simples função de mais uma fonte informativa a ser reconhecida ou explorada pelos cientistas.

É através da narrativa que o passado se aproxima do presente, unindo momentos diferenciados, mas conectados pelo poder criador daquele que narra e interpreta qualquer ação passada. Na verdade, a memória pode ter sido colocada a reboque dos meios de comunicação em vigor, mas mesmo assim ela não pode ser considerada extinta, pois em diferentes sociedades sempre a sua presença se faz sentir, desde que se descubra o valor de seu significado na elucidação de questões nem sempre esclarecido pelas informações de fontes tradicionais.

Afinal, sem desmerecer os componentes da elite como elementos capazes de serem incluídos nas dimensões da narrativa, merece ser considerado o teor da narrativa como elemento primordial de manifestação das opiniões de pessoas simples, uma vez que muitos deles não sabem escrever ou, mesmo são alfabetizados, mas concentram na narrativa o teor mais forte da sua maneira de ver ou rever a história vivida. Eles vivem e revivem reconstruindo o imaginário coletivo da população, no espaço e no tempo, já que a memória e a história se interligam, pois a memória é um documento de grande importância para o historiador. Assim, a “reconstrução” do acontecimento do passado traz informações de sua época, nesse caso, os depoimentos orais são informações do passado, e são úteis para se entender o passado com relação o presente. Através dessa ligação passado/presente ao entrevistar pode obter diversas informações do entrevistado sobre os fatos (eventos) da história local e, se apoiar, bem como, aperfeiçoar seu trabalho com base em entrevista.

A escolha da história oral dialogal veio na perspectiva do tempo presente, legitimada pelas fontes vivas e conviventes, recuperando-se e recriando-se o objeto da pesquisa por intermédio da memória dos que dispuseram a relatar suas práticas da vida, suas impressões no mundo, suas crenças, recordações, esquecimentos e sonhos. Narrativas que nortearam nossas reflexões, funcionando como uma espécie de ponte entre a teoria e a prática, influenciando imbricações das histórias despertadas pela memória.

O historiador sem as fontes não tem raízes e é inútil, no que se refere ao caráter primordial de se “(re)construir” a história; as fontes sem o historiador são sem importância e sem força de

significação. Logo a história é um processo de uma época, da interação entre o historiador e as fontes, nasce um diálogo interminável e entre o presente e o passado. Assim, devemos analisar os fatos passados com os questionamentos de hoje. Nesse ínterim, o historiador é considerado ser humano e social, analisa a história através dessa interdependência. Tanto o historiador é considerado produto e produtor da história, quanto à sociedade que o ocupa, devem ser reflexos do contexto da memória. A importância da história oral revela a primordial relevância para o historiador desenvolver seu trabalho de cunho histórico, visto que as entrevistas contêm uma grande porcentagem de informações que podem ser utilizadas para obter a conclusão de um determinado trabalho.

PASSA E FICA: DA FAZENDA À BODEGA

A fazenda

Desde o século XX, o povoado que originou a atual cidade de Passa e Fica, era vinculado à cidade de Nova Cruz, e iniciou-se com a instalação de uma hospedaria à margem do caminho de gado, que ligava Nova Cruz a Serra de São Bento. Tratava-se de uma das antigas estradas e a hospedaria era ponto de pouso e rancho, lugar de descanso para os boiadeiros que passavam conduzindo seus rebanhos de gado pela região com o intuito de comercializá-los nas tradicionais feiras de gado da Paraíba e de Pernambuco, comumente quem atravessam a divisa entre o Estado do Rio Grande do Norte e o Estado da Paraíba, e passava obrigatoriamente pela Fazenda Passa e Fica. Segundo as afirmações do Senhor Manoel Alves de Oliveira, aposentado, de 82 anos, entrevista concedida em 23 de Janeiro de 2008:

Essa era uma passagem muito conhecida e, os tangiricos como eram chamados os boiadeiros naquela época, passavam e paravam na fazenda para repousar e depois seguiam o destino.

Foi daí que surgiu o nome do lugar, Passa e Fica, porque a fazenda se localizava a margem da estrada que ficava na fronteira do Estado do Rio Grande do Norte e com o Estado da Paraíba. Era um caminho utilizado pelos viajantes da época. Segundo os relatos do Senhor Miguel Balbino Jorge, aposentado, de 87 anos, entrevista concedida em 24 de Janeiro de 2008:

Essa propriedade, a fazenda era chamada de Passa e Fica e os boiadeiros que paravam lá guardavam suas cabeças de gado nos currais da vizinhança para descansar, dar comida e água ao gado para depois seguir viagem pelo mundão a fora.

No Rio Grande do Norte, algumas cidades tiveram a sua origem ligada a essa função. Eram pouso dos vaqueiros e currais com água e pasto para alimentar o gado. É o caso de Passa

e Fica e de outras cidades do estado. Conforme as afirmações do Senhor Celso Soares de Oliveira, popularmente conhecido por Celso Cabôclo, aposentado, de 88 anos, entrevista concedida em 23 de Janeiro de 2008:

Os boiadeiros, depois de parar na fazenda seguiam o seu destino. O destino deles mesmos era ir à Paraíba, assegurar a venda das cabeças de gado, pelo um preço bom, melhor e muitos iam para Pernambuco com a mesma serventia.

Com o passar do tempo a estrada foi trafegada pelos “comboios de gado, que foram substituídos pelos caminhões”, possuía casas raras e distantes umas das outras e, depois recebeu novas construções de casas que se dispuseram nas proximidades da rodagem e onde também de início foram instaladas vendas para suprir as necessidades da população e dos boiadeiros que guiavam os seus rebanhos de gado rumo ao seu destino.

Iniciou-se a formação de um pequeno aglomerado de casas que depois se desmembrou de Nova Cruz, tornando-se mais um município Norte-riograndense.

A bodega

O processo de ocupação da cidade de Passa e Fica ocorreu no contexto de expansão da atividade pecuarista bovina. A atual área territorial passifiquense, se iniciou com a instalação de uma hospedaria, que servia como pouso e rancho para os boiadeiros norte-riograndenses que conduziam seus rebanhos de gado para os Estados da Paraíba e de Pernambuco.

Entretanto, Passa e Fica evoluiu da condição de povoado para a condição de cidade, no período entre 1920 e 1960.

A cidade de Passa e Fica, conforme as afirmações do Senhor Miguel Balbino Jorge, aposentado, de 87 anos, entrevista concedida em 25 de Janeiro de 2008:

Originou-se no Passa e Fica veio, em frente ao antigo posto fiscal em que tinha uma porteira que servia de caminho de Nova Cruz a Serra de São Bento, de São José de Campestre a Tacima, hoje Campo de Santana e, precisamente, de Natal a João Pessoa.

Era uma das antigas estradas que ligava Nova Cruz a Serra de São Bento e, nesse ponto central, no início do século XX, ou seja, exatamente no ano de 1929, o Senhor Daniel Laureano de Souza, construiu uma casa à beira dessa estrada e, instalou um comércio na sua propriedade para a sua sobrevivência e de sua família. Segundo o relato do Senhor Antônio Barnabé da Silva, aposentado, de 83 anos, entrevista concedida em 26 de Janeiro de 2008:

A bodega de Daniel Laureano de Souza, tinha e vendia de tudo, feijão, farinha, café, bacalhau, jabá, querosene, tinha também um jogo e uma cachaça de boa qualidade e servia até para o povo que vinha de fora

parar para dormir ou descansar, era também onde o dono comprava couro, essa bodega era de onde ele tirava a sua sobrevivência e era um ponto muito medonho.

Sendo assim, a bodega passou a ser propriedade de Chico Nicolau, hoje é a casa do finado Belízio Gomes. Nas suas proximidades, possuía casas raras e distantes uma das outras, um curral de Antônio Fonseca e o posto fiscal. Deste modo, começou a exercer influência nas redondezas. Para explicar o prestígio e/ou popularidade da bodega, o Senhor Antônio Luís Jorge de Oliveira, morador do povoado, conhecido pelo povo como seu Lulu, pessoa muito alegre, comunicativa e sociável, dizia, ao seu modo, que aquele era o Passa e Fica. Segundo Dona Maria Soares Diniz, aposentada, de 86 anos, entrevista concedida em 26 de Janeiro de 2008:

Antônio Luís Jorge de Oliveira, vulgo seu Lulu, um dos moradores do pequeno lugarejo e, que tinha ido morar em Pirpirituba na Paraíba e, na sua volta para passear onde hoje é Passa e Fica e passeando na encruzilhada de Passa e Fica perto da bodega de Daniel, dizia que o povo passava para fazer compra e se hospedar, passavam e ficavam. Aí, queriam chamar de São Cristóvão, mas o povo não acostumava, ai, o jeito foi ficar chamando de Passa e Fica.

Assim surgiu o nome da cidade de Passa e Fica. Hoje a população assim denomina a localidade, ou seja, a área onde se situava à antiga bodega, assim, denomina onde se situava a bodega de Passa e Fica velho e onde se situa o centro da cidade, de Passa e Fica novo. No curto espaço de tempo, em torno da bodega, se iniciou a formação de um pequeno aglomerado de casas à margem do antigo caminho que interliga o Rio Grande do Norte à Paraíba. Neste contexto, Miguel Cláudio de Oliveira, aposentado, de 81 anos, entrevista concedida em 27 de Janeiro de 2008:

Os boiadeiros como Zé Lula, um dos fazendeiros e outros traziam os rebanhos de gado, vinham com muito gado, muito gado mesmo pra essa banda e ficavam parado um pouco na bodega de Daniel, guardavam o gado nos currais da proximidade e, depois levavam para a região distante para aqueles lados da Paraíba e de Pernambuco nas feiras, porque tinha que encontrar um bom preço e encontrava, ao atravessar o Rio Grande do Norte para a Paraíba, Pernambuco, eles e os tangiricos seguiam pra essas terras com 30, 40 e até 50 reis, boiadas grandes e, depois voltavam e pegavam gado de novo. Aí, não tinha transporte, tinham que trazer tudo pelo pé, dentro dos matos.

Os boiadeiros traziam os comboios de gado com o intuito de comercializá-los na Paraíba e em Pernambuco, porque o negócio era melhor e dava mais lucro. Assim, o cruzamento das estradas ficou bastante trafegado, “facilitando e aumentando o tráfego de comboios, substituídos

pelos caminhões”. Tratava-se de uma região de fronteira e uma via permanente de passagem para quem atravessava o Estado do Rio Grande do Norte para o Estado da Paraíba.

Ainda hoje, Passa e Fica é considerada uma cidade central em relação às demais cidades circunvizinhas e um ponto de acesso para Serra de São Bento, Gameleiras, Campo de Santana (Tacima), Lagoa D`anta e São José de Campestre.

Passa e Fica Emancipada

O conceito de Emancipação Política está relacionado à resolução levada à Assembléia Legislativa por força da Lei Complementar que determinava a missão deste expediente à Lei Orgânica dos Municípios.

O Senhor Celso Lisboa e, precisamente Lauro Arruda Câmara, juntos procuraram deixar o projeto conforme a legalidade jurídica. Depois de todos os requisitos encaminharam ao Tribunal de Justiça do Estado, para ser analisado.

As assinaturas dos eleitores regularmente cadastrados no Tribunal Regional Eleitoral, não foi um simples abaixo-assinado, mas uma demonstração de responsabilidade, que todos depositavam naquele documento, ou seja, a esperança de ver Passa e Fica elevada a condição de cidade.

Quem passou a ocupar o cargo de prefeito permanente foi o saudoso senhor Celso Lisboa, de 01 de Fevereiro de 1964 a 31 de Janeiro de 1969. Tendo antes ocupado o cargo provisoriamente o saudoso Senhor Ociram Damasceno Barbosa. No dia 12 de Maio de 1962, foi publicada no Diário Oficial a Lei 2.782 que dava a Passa e Fica a condição de cidade e independência política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho “Passa e Fica/RN: Sua Historia e Seu Povo foi produzido com o intuito de “resgatar” a identidade histórica do município de Passa e Fica em meio a ação de seus sujeitos históricos no espaço e no tempo.

Podemos dizer que, a emancipação política de Passa e Fica satisfaz os interesses particulares do Senhor Celso Lisboa e do Deputado Estadual Lauro Arruda Câmara, de se estabelecerem e a seus familiares como políticos locais. Apesar de, a população também ter participado desse ideal, mas, uma parte ficou alijada do processo decisório.

Para discussão do tema usamos, principalmente como metodologia a história oral e fontes documentais. Visto que, a história e a memória se interligam e se complementam, e é uma fonte relevante no trabalho do historiador.

A história aparece como possibilidade de encontro com a memória. Nesse caso, a memória traz registros e ecos do passado, o que nos permitem afirmar que não é possível trabalharmos, com a história oral sem discutir e ter como base a memória coletiva.

Nesse contexto, o presente trabalho reforça a idéia de algumas cidades do Rio Grande do Norte que tiveram sua origem em virtude do comércio de gado, entre elas, Passa e Fica, e que sua toponímia está vinculada primeiramente à *fazenda Passa e Fica*, propriedade outrora situada à margem de uma das antigas estradas de gado que ligava Nova Cruz a Serra de São Bento, cidades do Agreste Potiguar. Devido a essa função, foi estalada posteriormente uma hospedaria a beira da estrada que ficava na fronteira entre o Estado do Rio Grande do Norte e o da Paraíba, ponto obrigatório de pouso e rancho que servia de descanso para os boiadeiros que conduziam seus rebanhos de gado para a comercialização nos estados vizinhos. E, que foi emancipada na década de 1960, pela Lei Nº 2782, de 12 de Maio de 1962, pelos Senhores Celso Lisboa e, precisamente, pelo Deputado Lauro Arruda Câmara.

Portanto, a reconstrução de um fato acontecido, à luz do presente, receberá toda a influência de sua época; não sendo mais do que uma representação daquele fato. Por isso, os depoimentos orais se tratam de construções do passado no presente e correspondem a narrativas carregadas de significâncias.

Sendo assim, temos a certeza de termos conseguido alcançar objetivos com a realização deste trabalho que não é um material pronto e acabado, mas que antes é sujeito a análises que possam preencher as lacunas nele existente e ao mesmo tempo temos a certeza que este material vai servir para pesquisa e/ou consulta para quem se interessar pelo tema. Pois, nos levamos em conta todas às contendas políticas que levaram a emancipação, que nos diz respeito à problemática da origem do município e de sua emancipação política, dentro da perspectiva histórico-política do Estado e do Brasil, que com o desenvolvimento do município, mudou o visual urbano e favoreceu a sua evolução econômica, social e cultural.